

## CRIOLIZAÇÃO DA CULTURA: DO TROPEIRISMO AOS TEARES DE MINAS GERAIS

Ana Carolina Silva Magliano<sup>1</sup>  
Gabriela dos Santos Rodrigues<sup>2</sup>  
Mateus Aparecido de Moraes<sup>3</sup>  
Melissa Domingues<sup>4</sup>  
Andrea Lomeu Portela<sup>5</sup>

### RESUMO

Levantamos alguns aspectos do caráter miscigenado da figura do tropeiro como um caminho pós-colonial para estudarmos o vestuário no Brasil. É um personagem marcante no contexto latino-americano e colonial que estabelece relação com o conceito de crioulização de Édouard Glissant (2005) e fornece referências culturais de nossa formação. Em destaque, a cultura material de um tipo especial, o tropeiro das Estradas Reais, que nos remeteu à história dos teares de Minas Gerais. Os têxteis mineiros eram usados como moeda de troca no cotidiano das tropas e registram as habilidades técnicas das mulheres na tessitura crioula de nossas origens que resistem como importante traço regional.

Palavras-chave: Crioulização. Tropeirismo. Cultura material. Têxteis.

### 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos coloniais os tropeiros serviram ao transporte das riquezas naturais no Brasil, mais adiante, sofreram uma espécie de profissionalização na era aurífera (1733c.). E, no ir e vir, passaram a ser responsáveis por todo tipo de mercadoria, bem como, da comunicação de bens materiais e culturais, até a chegada das ferrovias, que se iniciou em meados do século XIX e teve seu auge em meados do século XX.

---

<sup>1</sup> Discente UniAcademia; membro do grupo de estudos decolonialidade e moda; <anacmaglianx@gmail.com>.

<sup>2</sup> Designer de moda, egressa UniAcademia; membro do grupo de estudos decolonialidade e moda; <gabirodrigues7@outlook.com >.

<sup>3</sup> Discente UniAcademia; membro do grupo de estudos decolonialidade e moda; <mateusmam@gmail.com >

<sup>4</sup> Discente UniAcademia; membro do grupo de estudos decolonialidade e moda; <mel270397@gmail.com >

<sup>5</sup> Doutora em Ciências Sociais; Docente UniAcademia, orientadora do grupo de estudos decolonialidade e moda; <andraportela@uniacademia.edu.br>.

Este trânsito entre constantes cruzamentos fez do tropeiro um tipo brasileiro pluricultural e miscigenado que nos ajudará a revisar o papel social do negro na História do Brasil e a cultura material das mulheres indígenas: são redes, sacos de estopa, cordões e demais têxteis que nos conduzem à origem dos têxteis de Minas.

Assim, discutiremos aspectos da miscigenação/crioulização presentes na figura do tropeiro como um caminho pós-colonial para pensar um fragmento da história do vestir no Brasil.

O conceito de crioulização é um potente instrumento para entender a cultura da América Latina, mas não só, porque Glissant (2005) percebe esse processo de hibridização ocorrendo em todo o mundo contemporâneo em consequência da globalização. Ou seja, trata-se de entender como as culturas se formam e se transformam.

Entre panos e apetrechos vários, visitaremos a cultura tropeira como registro de nossas origens, que se hibridizou e formou um tipo de sociedade rizomática, ou seja, que guarda muitos fragmentos sobreviventes de conflitos e violências (GLISSANT, 2005). Contudo, fez-se resistente e singular em suas características.

O artigo começa com a definição do conceito de crioulização e sua configuração. Em seguida, conheceremos a história do tropeirismo colonial para depois entendermos seu contexto nas Minas Gerais. Iremos observar suas roupas, traços étnicos e cultura material. Por fim, destacamos um pouco da história dos Panos de Minas, como um achado proporcionado pelos estudos sobre a figura do tropeiro das Estradas Reais.

## **2 O CONCEITO DE CRIULIZAÇÃO**

O conceito de crioulização foi cunhado por Édouard Glissant (2005) e para ele, as culturas do mundo, sendo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente, transformam-se e permutam-se. Foi o que aconteceu com a cultura no Brasil e o que ocorre com a identidade de um tipo de tropeiro de que vamos tratar, afinal ela não pode ser delineada de modo absoluto, pois permeia características diversas.

Essa mistura cultural produziu avanços de consciência e de esperança que nos permitem observar que as humanidades estão abandonando a crença de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva e diferente da identidade de todos os outros seres possíveis. Também são valiosos seres de identidade rizomática, um tipo que se expande de modo conectado ao se reproduzir, o que Glissant (2005, p.72) vê como próprios de culturas compósitas, “culturas nas quais se pratica a criouliização”.

A criouliização se caracteriza por ser resultado da violência, do apagamento cultural e da escravidão de milhares de povos. Em nosso caso, negros e indígenas. Pensar a criouliização é entender como esses povos resistem e se modificam. Pois, apesar da violência, esses povos se recompõem através de vestígios ou resíduos presentes em memórias dessas mesmas culturas. Seja como linguagens, manifestações artísticas, crenças e espiritualidade. Assim, criam algo novo com suas raízes, como exemplo, o estilo musical jazz entre tantos outros.

Como em nosso caso, um estilo que deu origem ao que conhecemos, entre outras denominações, como caipira, com suas inúmeras manifestações culturais como na alimentação, na linguagem, danças, modo de vestir e na técnica de produção têxtil artesanal mineira. O tropeiro ganhou inúmeras designações, conforme o tipo de trabalho que fazia, o termo também incorpora profissionais vinculados a eles. Como mascates e vendedores ambulantes.

Para a nossa cultura em particular, esse conceito colabora ao entendermos alguns tipos locais como o tropeiro, conhecido por muitos estereótipos como fruto da visão colonial ainda existente. A nosso ver, é preciso investigar as raízes para conhecer e valorizar o caráter miscigenado de nossa cultura e origens, sem reproduzir estigmas. Por isso, o exemplo que fomos investigar para testar o conceito de criouliização em contexto local, foi o tropeiro, em especial o que se desenvolveu em nossa região.

### **3 A CULTURA TROPEIRA NO BRASIL DAS MINAS GERAIS**

Segundo Alгатão (2015), o tropeirismo se desenvolveu de forma diferente conforme três tipos de acordo com a localização: Tropeiros do Sul, Tropeiros das

Estradas Reais e Tropeiros Paulistanos. A partir de então, nos concentramos nos referenciais dos Tropeiros das Estradas Reais analisando alguns aspectos específicos, tais como: história, mercadorias que transportavam, materiais, costumes, roupas e sua participação na sociedade nos dias atuais.

Sua função e importância consistia no abastecimento das regiões das Minas Gerais no auge da exploração mineradora. Logo depois, da produção cafeeira do Vale do Rio Paraíba.

Lage (2014), ao tratar sobre este ofício, lembra que por suas tropas passavam toda a produção dos fazendeiros até chegar, principalmente, no porto do Rio de Janeiro para a exportação. Retornavam trazendo os bens de consumo que vinham do estrangeiro e que prontamente caíam no gosto popular. Eram toucados, tecidos, ferramentas e tantos mais. Movimento que estimulava a produção de diferentes mercadorias e o aparecimento de novos ofícios. Entre estes, de ferreiros, artesãos de couro (no fabrico de selas, alforjes e bruacas), cesteiros de taquara e outros.

Através desse ofício reuniam a quantia em dinheiro necessária para os filhos estudarem na Europa e se prepararem para se tornarem políticos ao retornar ao país (LAGE, 2014). Desse modo, podemos perceber seu poder e importância social.

Nesse vai e vem de riquezas, Alcatão (2015) faz uma relevante observação, a de que a função se multiplicava levando notícias, informações, ou seja, transportando um tipo de comunicação que configurará toda propaganda cultural do Brasil, seja de caráter político ou de atividades sociais, pelas quais passavam as novas dinâmicas culturais vindas da Europa. E claro, as modas.

**Figura 1:** Quadro reunindo os tipos de coisas que eram transportadas pelos tropeiros



Fonte: MONTAGEM DOS AUTORES, 2022.

Koss (2016) explora outros aspectos de formação cultural, como na alimentação, economia e memória.

Na alimentação no transporte de milho, mel, suínos e derivados, leite e derivados - queijos, ovos, galinhas. Os ingredientes da base de uma das culinárias considerada das mais ricas do país.

No século XX, destaca-se na economia como moeda ambulante na troca de mercadorias e abastecimento de armazens de locais, pelos quais a ferrovia não chegava e ou as estradas eram precárias. Considerando as dificuldades de uma região montanhosa.

E, no século XXI, ainda é espaço de memória, afeto e orgulho da misigenação. Inclusive, nos dias de hoje, em alguns locais de tradição tropeira, os muares se tornaram atrativo de turistas.

### 3.1 AS ROUPAS E OS MATERIAIS TÊXTEIS DO TROPEIRO

Vestem-se de burel, e pellotes pardos e azues, de pertinas compridas como antigamente se vestiam. Vão aos domingos à igreja com roupões ou berneços de cacheira sem capa (CARDIM, 1980, p. 173)

O processo metodológico que seguimos para este percurso de descobertas foi a análise imagética a partir de fotografias, pinturas e gravuras antigas, bem como, explorando sites e livros. Entre um levantamento realizado da cultura material do tropeiro, destacamos: Bruacas, lenços, batas, calças curtas, acessórios de palha e diversos tipos de chapéus. Porém, esse levantamento não é muito simples, pois variam conforme temporalidade e espacialidade.

Para Gonçalves (2018), que analisou as vestimentas do século XVIII na Vila de Curitiba - Paraná, a partir do consumo e as possibilidades de se adquirir mercadorias e certos bens, é notória a preocupação em se estar elegantemente vestido, mesmo vivendo de maneira simples. Essa necessidade de se vestir bem se baseia na possibilidade de distinção social.

Por meio de relação de indumentária de acordo com inventários (1705 e 1729) de outros bens, comparados por Gonçalves (2018) em documentação do Estado do Paraná, conclui-se que a indumentária estava entre os pertences mais caros de uma família. Primeiro os animais como cavalos e bois, depois os

escravos. E em terceiro então, as roupas. Só depois vinham o imóvel e os móveis. No entanto, esses valores são vistos de modo geral, porém relativamente, um manto de tafetá podia valer bem mais que um novilho.

[...] no tocante à indumentária, possuíam uma diversificação de bens, tal como: “um manto de tafetá em bom uso”; “um capote de duas baetas em bom uso”; “uma vestia de serafina azul já usada”; “um par de sapatos de veado em bom uso”. Essas são algumas das vestimentas que os inventariados possuíam. A matéria prima desses artefatos, tal como o tafetá e a baeta, eram tecidos sofisticados como já mencionamos, com significativo valor econômico. Com exceção a vestia de serafina, que já estava usada, os outros artefatos apresentavam “bom uso”. Poderiam ser roupas novas. Mesmo o habitat do casal sendo simples, com pouco mobiliário e artefatos domésticos, poderia haver uma preocupação em vestir-se bem (GONÇALVES, 2018, p. 113).

Entre o levantamento de roupas realizado por Gonçalves (2018) estão: casaca de baeta ordinária, casaca de pano fino, veste de seda, calções de pano fino, calções de seda, camisa de linho, ceroulas de linho, meias de seda, sapatos de cordovão, chapéu fino de castor, chapéu ordinário, carapuça de seda, carapuça de pano forrada de seda. A maioria dessas roupas eram feitas de seda, baeta e tafetá, que eram tecidos sofisticados, possivelmente vindos da Europa.

É preciso considerar que esses bens não eram de acessibilidade de toda a população, e que não consideraram o levantamento de roupas de cama e banho. Acredita-se que esta lacuna é devido ao fato de serem feitas em casa e que havia também peças de roupas de algodão e lã que, por serem de baixo custo, não foram registradas.

Sobre têxteis, encontramos um destaque em **Viagem ao interior do Brasil** (GARDNER, 1942), - viagens realizadas entre os anos de 1836 e 1841, em que ressalta a importância das redes nas casas das fazendas dos Sertões do Nordeste, onde serviam de sofá e para dormir, sendo as camas menos usadas.

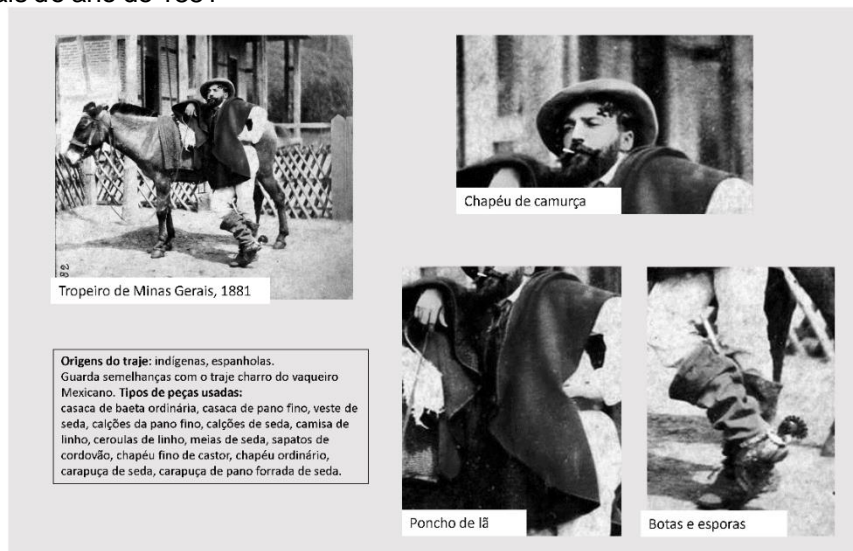
Fazem-se de uma espécie de algodão encorpado, tecido pelos próprios habitantes, branco ou azul, sendo esta última cor obtida da tintura de uma espécie de anileira muito abundante nas circunvizinhanças. São mais largas que compridas, podendo assim a gente deitar-se nelas transversalmente e, portanto, mais horizontalmente. Tem ainda a vantagem de não precisar de outras roupas de cama, senão um cobertor fino no tempo fresco ou um lençol no calor (GARDNER, 1942, p. 151).

Quanto ao circuito diamantífero dos tropeiros nas Minas Gerais, especialmente na região de Ouro Preto, Gardner (1942) observa que a maioria da população é formada por pessoas escravizadas no trabalho das minas.

O que consideramos relevante ressaltar é que pouco encontramos a respeito das roupas dos tropeiros das Estradas Reais e que é preciso realizar mais estudos sobre este tipo. A maioria dos estudos descritivos da indumentária tropeira se referiam aos tropeiros paulistanos e os do Sul. Portanto, nosso trabalho assumiu um caráter novo pela sua especificidade.

Sobre a fotografia que pode ser vista na figura 2, destacamos os pontos focais da fotografia mais antiga que encontramos. Essa fotografia em especial é do século XIX, acreditamos que esse período seja frutífero para uma pesquisa, pelo fato de encontramos a sociedade mineira mais diversificada, e assim, observamos os tipos de vestuário ali consolidados com características próprias.

Figura 2: Apresentação de pontos focais da indumentária crioula a partir de uma foto de um tropeiro das Minas Gerais do ano de 1881



Fonte: Disponível em: Acesso em:

Apesar das limitações, encontramos uma pequena relação do vestuário masculino nas Minas Gerais no início do Século XVIII, Antonil<sup>6</sup>, em 1711, relacionou preços no comércio do vestuário nas Minas. Pretendendo uma

<sup>6</sup> ANTONIL, André João (ANDREONI, Giovanni Antonio). **Cultura e Opulência do Brasil por Suas Drogas e Minas**. Lisboa: Oficina Real Deslandesiana, 1711, pp. 141 e 142 apud Histórias e outras Histórias. Disponível em: <https://martaiansen.blogspot.com/2012/05/o-vestuario-masculino-nas-minas-gerais.html>. Acesso: 14 set. 2022.

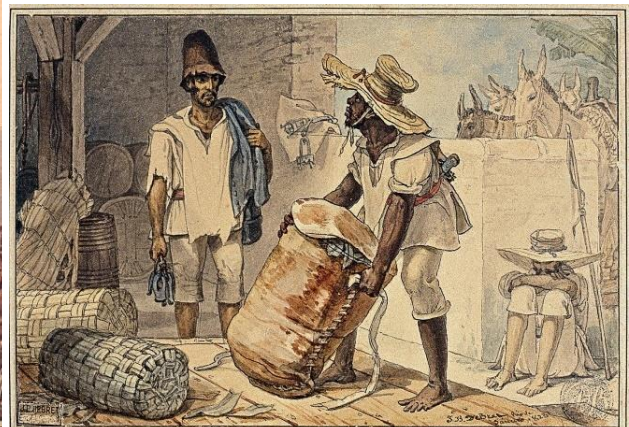
avaliação econômica, acabou fazendo uma relação do que se vestia. Essas relações eram importantes porque a opulência das roupas demonstravam a riqueza do usuário, sobretudo porque ali circulava muito ouro e riqueza.

Nesse levantamento haviam artigos comuns e peças de qualidade superior. Entre estas: casaca de baeta ordinária, casaca de pano fino, veste de seda (masculina), calções de pano fino, camisa e ceroulas de linho, meias de seda, sapatos de cordovão, chapéu fino de castor, chapéu ordinário, carapuça de seda, carapuça de pano forrada de seda.

Para maior esclarecimento, baeta é um tecido de lã ou algodão de textura felpuda, com pelos em ambas as faces e cordovão é o couro de cabra, de textura unida, usado no fabrico de sapato.

Bernadelli (2017), nos ajuda a observar a cultura tropeira por gravuras antigas analisando figuras de diferentes regiões e ou tropeiros que exerciam diferentes funções na tropa. Assim, poderemos observar maior diversidade de indumentária e compararmos diferenças em tipos diferentes de tropeiros. Seguem as imagens selecionadas.

**Figuras 3 e 4:** À esquerda, “Tropa de Mulas”, 1822. Jean-Baptiste Debret. Aquarela sobre papel, detalhe. Museu Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ); À direita, “Tropeiros Pobres de São Paulo”, 1823. Jean-Baptiste Debret. Aquarela sobre papel, c.i.d. 22,30 cm x 15,20 cm. Museu Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ)



Fonte: BERNADELLI, 2017, s/n.

Nas imagens acima observamos, chapéus largos, calças curtas, camisas estilo batas, com ou sem cinto, sobreposição como avental ou colete.



Outra figura nos chama a atenção pelo caráter miscigenado, dessa vez do pintor, aquarelista, gravador e desenhista Thomas Ender que apresenta outras referências a respeito da etnicidade dos tropeiros:

**Figura 5:** Um caipira paulista vestindo poncho. Seus pés descalços atestam a condição de escravizado. Retrato de Thomas Ender.



Fonte: Pulistânia tradicional. BANCO DE DADOS PINTEREST. Disponível em : <https://br.pinterest.com/paulistaniatradicional/>. Acesso em: 15 set. 2022.

Bernadelli (2017, p. 15), ainda atenta para a diversidade dos calçados descrevendo a variedade referente às características que podem ser vistas na figura 6:

Figura 6: “Trapeiros Paulistas em Variados Trajes” ou “Trapeiros Paulistas no Rio de Janeiro”. Jean Baptiste Debret. 1823. Aquarela sobre papel (detalhe). Museu Castro Maya - IPHAN/MinC (Rio de Janeiro, RJ)

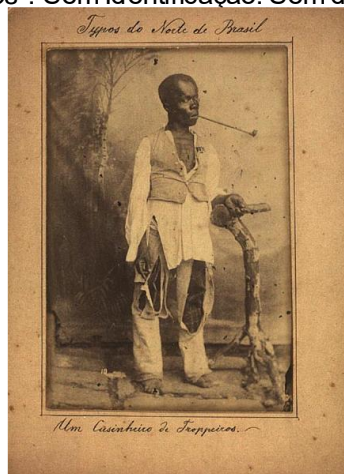


Fonte: BERNADELLI, 2017, p. 15.

[...]as botas são manufaturadas em diversos materiais (vemos, da esquerda para a direita, um homem descalço, um segundo homem que possivelmente calça um tamanco com meias (os tamancos são referências no fandango de tamancos de cuitelo, dança paulista); o terceiro tropeiro usa uma amarração de couro com esporas nos pés descalços; o quarto tropeiro utiliza uma bota que aparenta ser um garrão de potro (ou de boi), bota confeccionada do couro da canela dos animais ao qual se dava um nó na ponta, ou mesmo vestia somente a canela do tropeiro. Por fim, o último homem da esquerda para a direita se encontra descalço. É relevante também a presença de variados tipos artesanais de chapéus de palha com barbicachos e um chapéu de couro; variados talhes de ponchos e tipos de calças (BERNADELLI, 2017, p. 15).

A imagem seguinte, figura 7, é importante por destacar a profissão de cozinheiro explicitada e por apresentar a relevância do negro no tropeirismo.

Figura 7: “Um Cusineiro de Tropeiros”. Sem Identificação. Sem data. Acervo Biblioteca Nacional



Fonte: BERNADELLI, 2017, p. 16.

Em todas as gravuras de tropeiros nota-se enorme diversidade de funções e modos de vestir, mas é preciso lembrar do uso mais amplo dos têxteis, usos além do vestuário. São sacos de estopa, fios e cordas, além do transporte comercial de tecidos de algodão grosseiro que vestiam a população que não tinha acesso às roupas e tecidos aos moldes europeus. O que nos remete às origens desses materiais.

#### **4 HISTÓRIA E TRADIÇÃO: DOS PANOS DE MINAS AOS TEARES DE MEMÓRIAS**

O desenvolvimento da indústria têxtil é de relevância constante na história do Estado, assim, elegemos dois momentos para pensarmos as tradições têxteis em Minas Gerais, o período pré-colonial com as técnicas de tecelagem dos povos originários e o Brasil de 1808, com a vinda da corte e a instalação da primeira fábrica na Província de Minas Gerais, em 1868, aproximadamente. Além disso, observamos como se deu o desenvolvimento da indústria têxtil.

##### **4.1 DAS TRAMAS E ORIGENS ÉTNICAS**

A tradição de fiar e tecer de muitos grupos indígenas nas Minas Gerais não é muito conhecida, porém de extrema importância na história do vestir no Brasil. Tanto que, são esses teares que produziram o algodão rústico que vestiu o povo pobre do Brasil colonial e, mais tarde, fez da região lugar propício ao desenvolvimento têxtil, graças às habilidades de tecer de seu povo. A história é longa, fragmentada, mas tentamos reunir informações

Segundo Macedo (2003), os panos e fibras do grupo indígena Macunis, são conhecidos por relatos de habitantes da região de Minas Novas e de Saint-Hilaire, faziam sacos de tecidos para levar às costas cheios de tubérculos.

Esses sacos eram de algodão de uma espécie de algodoeiro tipo cecropia, hoje conhecido com embaúba. Essa espécie produz folhas verdes com ramos tenros que eram despojados da casca exterior. Com a concha de um molusco, esfiapavam as fibras lenhosas do tecido celular com que produziam uma estopa fina. Torciam as fibras sucessivas vezes enrolando nas coxas nuas com a palma

da mão resultando em um cordão com o qual faziam sacos de rede e as cordas dos arcos. O novelo servia de naveta nas mãos das mulheres macunis fiandeiras.

As mulheres dos Machaculis também já possuíam os saberes do fiar o algodão; “preparam um cordão fino, e com esse fio tecem sacos e até redes de malha para repouso”, semelhantes às das mulheres Macunis de Alto dos Bois (MACEDO, 2003, p. 273).

Segundo o Museu do Índio (2011), *Tuthi*, mãe-fibra, ou linha encantada, é o nome da embaúba com a qual as mulheres ancestrais teceram objetos mágicos, capazes de grandes feitos.

Essa tradição se mantém. Ainda hoje, as mulheres Tikmu'um fiam e enlaçam entre as pernas as fibras que encontram na redondeza. São fibras retiradas das cascas da embaúba. Uma árvore que ainda resiste ao desmatamento. Resistem as práticas dessas mulheres como resistem as embaúbas:

Desenvolveram uma refinada arte de enlace, sem nós, modelando suas malhas ao mesmo tempo em que fazem as linhas. Modelam bolsas, redes de pesca, redes para carregar as crianças - tipoias, fios para arcos, vestidos, colares. Os enlaces criam texturas fluidas, reproduzindo as vibrações dos ambientes aquáticos, das primeiras mulheres-sucuri, segundo os ancestrais, assim transformadas por meio da tessitura de linha grossa feita com embaúba, e de onde se originam seus desenhos: escamas de peixes, patas de jacaré. E em outros casos, quando enlaces muito fechados, reproduzindo casas de abelhas, vespas, marimbondos (MUSEU DO ÍNDIO, 2011, meio digital).

Conhecer as técnicas de fiar e tecer nos ajuda a entender o desenvolvimento têxtil de Minas. Vejamos.

## 4.2 FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DA INDÚSTRIA TÊXTIL MINEIRA

Em 1809, D. João VI deliberou o início da industrialização brasileira estabelecendo isenção de impostos para as fábricas a serem instaladas entre outros benefícios, mas que não foram suficientes para esta implantação porque o país estava comprometido com os ingleses que possuíam privilégios aduaneiros. A política liberal adotada vai até 1844, para não intervir na industrialização (PIMENTA, 1983).

Mas a capitania das Minas Gerais foi exceção, em 1813, o governador Conde de Palma consegue do governo Central a vinda de um mestre fabricante de tecidos para ensinar o uso e a instalação de teares no sentido de impulsionar a indústria têxtil em Minas Gerais (PIMENTA, 1983, p. 58).

Apesar da vinda de mestres de fora, é preciso considerarmos as práticas que já existiam, o que tornou mais rápida a qualificação de mão-de-obra.

Outro fator que possibilitou esse desenvolvimento foi a capacidade dos tropeiros em efetuar um transporte eficiente para a época, e de caráter diverso em regiões montanhosas de difícil acesso.

As tropas de burros tornaram-se um distintivo do século XIX. Não só eram numerosas como enormes eram as distâncias a serem percorridas para transacionar a produção do mineiro. Tamanhas distâncias, em vias acidentadas e pessimamente conservadas, antigas picadas criadas pelos Índios, parecem não ter constrangido os tropeiros, eles próprios proprietários ou filhos dos mesmos, se não seus agentes, intermediários ou marchantes. As mulas cargueiras levavam para o Rio de Janeiro – o maior polo de atração dos produtos mineiros da época- uma quantidade colossal de mercadorias (MACEDO, 2003, p. 5).

Somente com a Proclamação da República, se tem notícia de alguma outra política de industrialização, chamados Contratos industriais realizados entre governo do Estado e empresários desejosos de se instalar no local. E que mais tarde se mostrariam inadimplentes. Em relação à indústria têxtil, é curioso notar que não havia menção ao algodão. Foram encontradas menções de fiação e tecelagem de linho em Barbacena, fiação e tecelagem de seda em Ouro Preto, fiação e tecelagem de lã em Barbacena, Ouro Preto e Rio Preto (PIMENTA, 1983, p. 59). Porém, as reclamações de cargas fiscais são uma constante.

Em outro texto, observa-se que a principal matéria prima utilizada para a fabricação de panos ou tecidos nessas regiões era o algodão. Outras eram: a lã, o linho, o cânhamo, a paina, a seda (MOURA, 2002, p.15).

Moura (2002) revela a importância dos Panos<sup>7</sup> mineiros no período colonial, sobretudo após decadência do ouro. Minas, vista como província, tinha

---

<sup>7</sup> o tecido de algodão grosseiro destinado aos escravos e aos desfavorecidos da população, interna e externa às Minas Gerais – cumpriu sua função abastecedora até a década de 1880, utilizando-se do trabalho artesanal (arte industrial mecânica ou manual) da grande maioria das mulheres, livres e escravas, sobretudo livres. O surgimento de empreendimentos fabris, com seus implementos importados, deslocou lentamente essa indústria secular sem a destruir, contudo (MACEDO, 2003, p.30)

uma barreira natural (montanhas, vegetação densa da mata atlântica) em suas divisas com São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e uma parte da Bahia, dificultando comunicações para transporte de mercadorias, porém no fim do século XVII houve surto migratório para o sertão mineiro pelo ouro, dando origem a alguns núcleos populacionais em áreas da Capitania de Minas Gerais, essa população com alto valor aquisitivo, devido ao ouro, resultando no abastecimento dos produtos que aquelas regiões necessitavam. No século seguinte, o quadro econômico melhorou e esta região conseguiu desenvolver-se além do ponto de autossuficiência em sua economia.

Essa Capitania mineira, de acordo com Moura (2002), teve algumas áreas produtoras de tecidos de fibra animal, outras, produtoras de fibra vegetal e produziam algodão como na região de Triângulo Mineiro; a região de Minas Novas e as cercanias de Paracatu; região de Jequitinhonha – Mucuri – Doce; margens do Rio Grande, nos distritos do Rio das Mortes, desde o Registro Velho até as imediações de Barbacena. No grande Rio Grande e no Rio Doce, as principais vilas eram: Vila Rica, Rio Doce, Conceição, Diamantina, Montes Claros, Barbacena, Fanado, Água Suja, São Domingos, Chapada, Sabará, Bom Sucesso, São João Del Rei, Paracatu, Abaeté, Serro Frio, entre outras.

No início do século dezenove a indústria têxtil doméstica estava em franca prosperidade. O algodão era fiado e tecido por toda parte na província, não só nas fazendas, mas também no setor camponês e nas áreas urbanas, empregando muitas pessoas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O passado ajuda a compor as aparências do presente, mas é o presente que escolhe na arca as roupas velhas ou novas.  
Bosi, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Observamos que o tropeiro é uma figura miscigenada e, portanto, sua identidade pode ser pensada a partir do conceito de crioulização. Conforme trata Glissant (2005), uma identidade que possui uma raiz que vai de encontro a outras

---

raízes. Essa hibridização não se encontra apenas em sua formação étnica, como aparece inclusive em seus costumes e artefatos. Destacamos a exemplo, a culinária, as roupas e os têxteis.

O estudo do tropeiro das Estradas Reais nos conduziu a vários materiais a serem explorados: são redes de dormir, sacos de estopa, cordas e roupas, todos tecidos de histórias que registram nosso caráter crioulo, e uma cultura material diversa e rica. Os têxteis produzidos nos teares de Minas serviram para vestir os brasileiros em tempos coloniais, tem sua origem nos teares indígenas e, até hoje, são produzidos em grande escala e representam a riqueza de nosso trabalho artesanal.

Pelas rotas tropeiras desenhamos o cenário da produção e comercialização têxtil, do artesanal ao industrial, que redescobre as Minas Gerais. O estudo do tropeiro das Estradas Reais também nos conduz a vários materiais a serem explorados em acessórios e roupas, além de identificar a história da produção têxtil local.

Até aqui, nossos estudos exploraram a construção da diversidade pelo conceito de criouliização a partir um tipo brasileiro, resultado da miscigenação presente em nossa formação enquanto povo e cultura. O tropeirismo no período colonial foi fundamental para o desenvolvimento do Brasil, pois até a chegada das ferrovias, deles dependiam o trânsito de todos os tipos de mercadorias e riquezas e o vestir dos habitantes. Assim, o tropeiro carrega a presença do negro, do indígena e do europeu, como memórias de nossa ancestralidade.

O tropeirismo vive presente em muitas histórias, da nossa culinária ao vocabulário e nos conduziu a uma em especial, a dos Panos de Minas.

Há muito o que conhecer e explorar sobre a história da Indústria Têxtil mineira. As rotas e mercadorias dos tropeiros nos revelaram os primeiros caminhos que pretendemos continuar percorrendo.

## REFERÊNCIAS

ALGATÃO, Felipe Cordeiro de Souza. **Os tropeiros no século XXI e o sentido contemporâneo dessa atividade:** estudo de caso no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira. Mestrado em Ciências Sociais (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC SP, 2015

BERNADELLI, Ivan. **Tradições encenadas: investigações e invenções ao redor da cultura tropeira.** In: Lanternas no Caos: uma história da dança no Brasil, Ed. Lugar Elástico, 2017. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5286>. Acesso: 30 ago. 2022.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Tradução: Elnice do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

GONÇALVES, Julia Maria. Em torno das aparências: estudo preliminar sobre a indumentária e a cultura material de Curitiba (Século XVIII). **Faces de Clio**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol. 4. N.7. Jan./jun. 2018. p. 107-115.

KOSS, Lucimar. Carroceiros tropeiros e a moeda ambulante em uma colônia de imigração nas primeiras décadas do século XX no Paraná. XIII Encontro Nacional de História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Maio, 2016.

LAGE, Walânia Martins de Oliveira Lage. O ofício do tropeiro. **Revista do Instituto de Ciências Humanas.** V. 9. N.12. PUC Minas, 2014.

MACEDO, Concessa Vaz. **A produção artesanal de fios e fibras em Minas Gerais:** Uma indústria feminina de vanguarda na economia do século dezanove. Centro de Desenvolvimento Planejamento Regional – CEDEPLAR Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG: Belo Horizonte, 2003.

MOURA, Marcelo Duarte. **A indústria artesanal de tecidos em Minas Gerais na 1ª metade do século XIX.** X Seminário sobre Economia Mineira. 2002. Disponível em: <https://ideas.repec.org/s/cdp/diam02.html>. Acesso em: 12 set. 2022.

MUSEU DO ÍNDIO. Tikmu'un/Maxacali – Linhas Encantadas – Embaúba, fibra-mãe: Catálogo de peças Maxakali (Nordeste de Minas). Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2011. 10p. Il. cor. Disponível em: <http://antigo.museudoindio.gov.br/pesquisa/acervo-online> (Acervo Bibliográfico). Acesso em: 21 out.2022.

PIMENTA, Haydn Coutinho (Ed.). **II Seminário sobre economia mineira.** História econômica de Minas Gerais. A economia Mineira dos anos 80. Associação Nacional de Centros de pós-graduação em economia. Universidade Federal de Minas Gerais: Diamantina, 1983.